

RELATOS DE EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL NO NASF: OFICINA DE ORIENTAÇÃO PARENTAL

Janice de Fátima Cruz², Leonardo Bruno Gomes Mateus da Silva³,
Sérgio Domingues⁴

Resumo: *O presente trabalho tem como objetivo relatar as vivências com o grupo de responsáveis pelas crianças, atendidas pela equipe multiprofissional, da Sala Recreativa na atenção básica à saúde no Núcleo de Apoio à Saúde da Família – NASF, em uma cidade da Zona da mata mineira. São inúmeras as queixas dos responsáveis e das escolas, surgindo assim os encaminhamentos para o atendimento psicológico. Neste contexto percebeu-se a necessidade de um acompanhamento desses responsáveis, uma vez que ficavam ociosos durante o período no qual as crianças estavam em atendimento, o trabalho com os responsáveis foi orientado pelas psicólogas da Sala Recreativa, supervisionado por um professor e foi composto por rodas de conversação, exibição de vídeos, charges e “tirinhas” além das dinâmicas de grupo.*

Palavras-chave: *Acompanhamento psicológico, crianças, NASF.*

Introdução

A equipe do NASF (Os Núcleos de Apoio à Saúde da Família (NASF) foram criados pelo Ministério da Saúde em 2008 com o objetivo de apoiar a consolidação da Atenção Básica no Brasil, ampliando as ofertas de saúde na rede de serviços, assim como a resolutividade, a abrangência e o alvo das ações. (Brasil, 2008)) decidiu implementar a sala recreativa devida as demandas que chegaram às Unidades Básicas de Saúde – UBS's do Município vindas de diversas

² Trabalho realizado atendendo as exigências do estágio básico, sob supervisão do professor Sergio Domingues.

³ Graduandos do 7º período de psicologia – FACISA/UNIVIÇOSA.

⁴ Professor do curso de Psicologia e Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos Sylvio Miguel – UNIVIÇOSA

áreas, com uma predominância da área educacional tendo em vista que não há profissionais da psicologia inseridos no contexto escolar. O atendimento psicológico na Sala Recreativa é realizado de forma coletiva, partindo de uma anamnese feita com os responsáveis a fim de elucidar a demanda específica das crianças, durante o processo de anamnese percebeu-se que não só as crianças, mas alguns dos responsáveis também estavam adoecidos, mesmo que em seu discurso relatassem apenas “problemas das crianças”, muitos deles têm origem na relação com os responsáveis que reproduzem comportamentos de gerações anteriores, mas que ignoram qualquer influência de seu contexto familiar. O acolhimento a esses responsáveis acontece por meio do Grupo de orientação parental, com o objetivo de fortalecer o vínculo e convívio familiar por meio de uma reflexão acerca do papel dos responsáveis no desenvolvimento das crianças e fortalecer a autoafirmação desses responsáveis enquanto cidadãos estimulando o pensamento crítico e o questionamento, a busca por valores morais, a valorização da própria identidade por meio do autoconhecimento.

Material e Métodos

As atividades aconteceram em encontros semanais no período da tarde, no mesmo horário em que as crianças estavam sendo atendidas na Sala Recreativa, os recursos materiais utilizados foram: Uma sala, cadeiras, um computador, um data-show, folhas de papel A4, canetas, lápis, borracha, pincéis, lousa e outros materiais utilizados em dinâmicas específicas, os vídeos apresentados são de domínio público retirados da internet, charges, tirinhas e dinâmicas retiradas de várias fontes (livros, experiências anteriores e algumas propostas pelos participantes). Os vídeos, charges e tirinhas foram exibidos e em seguida iniciava-se a roda de conversação na qual os responsáveis eram questionados sobre o efeito que o vídeo causou, qual impressão ou lição que pôde ser retirada, qual emoção provocou, se algo parecido já havia acontecido com a pessoa ou no grupo familiar. As dinâmicas foram escolhidas de acordo com as demandas percebidas.

Resultados e Discussão

Os grupos contam com a presença de mães, avós, irmãs, tias e pais, sen-

do rara a presença paterna no grupo. A evolução desse projeto foi bastante satisfatória, percebeu-se a importância de um espaço onde se possa falar sem julgamentos ou conselhos. Para ilustrar as práticas propostas ao Grupo de orientação parental destacamos um exemplo de cada recurso utilizado.

Foi exibido o vídeo: “O impacto de um pai na vida do filho. ”

Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=KYZfOaxV7pw&t>

Grupo formado por três pessoas, (1 mãe, 1 irmã e 1 avó)

Após exibir o vídeo, pediu-se que cada uma falasse algo que tinham entendido, o que achavam dos exemplos que dão as outras pessoas, principalmente para as suas crianças.

Quem começou falar foi a irmã, disse que desde o falecimento da mãe, ficou com a guarda dos irmãos, ela relatou que a criança que frequenta a sala tem 12 anos, é muito bagunceira, briga muito com o irmão de 16 anos, e os exemplos que ele tem dentro de casa são ela e o seu marido, em momentos de raiva ela fala que irá entrega-lo ao pai, que mora em outra cidade, onde o menino não consegue ficar um final de semana, conversamos sobre as consequências futuras que tais ameaças podem causar, uma vez que a criança já lida com a perda da mãe, ela concordou e disse que fala brincando, foi perguntado se a criança sabe que ela está brincando, ela respondeu que não, sobre a relação da criança com o pai, ela disse que financeiramente é boa, mas que não há afetividade. A mãe que estava ali presente disse que na casa dela é o contrário, estabeleceu-se um diálogo sobre essa questão, a mãe relatou ser uma pessoa que necessita de um espaço e não encontra isso, pois seus filhos não a deixam sozinha. No último encontro que ela estava, foi a que menos falou, estava sempre calada, observando a todos a seu redor, ao conversarmos com a psicóloga Brunella, que ficou surpreendida pelo fato do desabafo dessa mãe, falou que ela tem questões muito intimas, e que precisa de ajuda mais do que a sua filha que frequenta a sala. A avó por sua vez, falou muito pouco, argumentando não ter muito que falar, uma vez que é avó e somente leva o neto, devido a mãe não poder e que não consegue falar nada do neto.

Foi exibida a Charge da personagem Mafalda¹ com a frase: “Para onde vão os nossos silêncios quando deixamos de dizer o que sentimos? ”



Estavam presentes quatro pessoas, (2 mães, 1 irmã, 1 avó e 1 pai)

Deu-se início à roda de conversação, os responsáveis presentes responderam ao questionamento proposto na charge das mais variadas formas, por exemplo:

“Às vezes acontecem coisas na vida da gente que tiram as nossas palavras e só faz a gente sofrer porque não conseguimos por pra fora. ”

“Os meus não vão pra lugar nenhum, porque o que eu tenho que falar eu falo ‘na lata’, não deixo pra depois.”

“Pra mim esses silêncios acabam aparecendo no corpo da gente de algum jeito, é uma dor de cabeça, um mal estar, um nervosismo exagerado.”

Após o término da conversação enfatizou-se a necessidade de verbalizar os sentimentos, pois existe a possibilidade de desenvolver doenças psicossomáticas, e que não devemos verbalizar só os sentimentos ruins, mas também os sentimentos bons, porque muitas vezes existe o sentimento e tal sentimento não é posto em palavras para o outro, dessa forma pode ser que o outro nunca saiba o que sentimos. O encontro foi finalizado com a frase: “Quando a boca cala, o corpo fala. Quando a boca fala, o corpo sara.”

Utilizou-se de uma tirinha do Calvin e Haroldo² com objetivo de trabalharmos a CULPA.



2

Estavam presentes quatro pessoas, (2 mães, 1 irmã e 1 avó)

Foi feita a leitura das falas em voz alta, em seguida pedimos que cada uma falasse as impressões acerca da tirinha. Houve uma discussão interessante, algumas falas se destacaram, por exemplo:

“Para mim a mãe do menino não deveria ter falado desse jeito com ele, mas depois eu parei para pensar e “vi” que eu faço igualzinho a ela.”

“Acho que a mãe não respeitou a tristeza do menino.”

“Nossa, a gente faz isso o tempo todo e nem dá conta né!?”

“No começo eu não vi nada de errado, só depois que percebi que o menino tinha ficado muito triste, até chorou, aí fiquei com dó, a gente tem que tomar cuidado pra não deixar os nossos meninos mais chateados quando acontece uma coisa ruim, mesmo se eles tiverem culpa.”. Após a discussão ressaltamos a necessidade em se buscar soluções e não culpados para as situações cotidianas, principalmente quando as crianças estão envolvidas e que as crianças podem e devem participar dessa busca por soluções sempre que possível.

Dinâmica Desenho coletivo (rosto):

Sentados em círculo, cada integrante recebeu 1 folha de papel A4 branca, um lápis e 1 borracha, pedimos que colocassem seus nomes no verso da folha, foram orientados a desenhar uma sobancelha, depois passar a folha para a pessoa que estivesse a sua esquerda e pegasse o da direita, fazendo esse movimento sempre que solicitado, seguiu-se, desenhar os olhos, desenhar a boca, assim por diante até chegar nos cabelos, nesse momento foi solicitado que acrescentassem o que eles julgavam estar faltando, tiveram dez minutos para a conclusão, em seguida pediu-se que dessem um nome e uma idade para o rosto, as folhas foram recolhidas, e solicitado que falassem suas impressões sobre o

rosto e falar uma característica marcante. Explicou-se que o objetivo proposto era uma reflexão acerca da influência do contexto social em cada um e como as crianças pelas quais são responsáveis são influenciadas pelo meio, fazendo uma analogia à forma como os desenhos foram construídos.

Observando as discussões provocadas pelos vídeos, charges e tirinhas, notou-se a interpretação individual e a necessidade da fala muitas vezes usando o tema abordado como “ponte” para expor uma angústia, mágoa ou incômodo. Nas rodas de conversação todos falavam espontaneamente, dando exemplos de como agiram no intuito de servir de exemplo para a pessoa que estava compartilhando um sofrimento, nas dinâmicas de grupo todos se dispuseram a participar, após as dinâmicas propusemos aos participantes que trouxessem as experiências vivenciadas para a sua realidade. No decorrer do trabalho percebeu-se uma mudança na forma de pensar de alguns responsáveis que se tornaram mais críticos e questionadores, em alguns casos a melhora na relação parental uma vez que, os responsáveis saíam relaxados do encontro com o grupo, segundo relato dos participantes, tinham mais paciência com as crianças, o Grupo de Orientação parental possibilitou o diálogo entre responsáveis e crianças fornecendo assuntos em comum e estimulando o interesse no cotidiano das crianças.

Vale ressaltar que esse relato foi feito com a permissão da equipe de Nasf respeitando a ética e cuidando para que as identidades fossem preservadas.

Referências Bibliográficas

Brasil. Ministério da Saúde. (2008). Portaria nº. 154, de 24 de janeiro de 2008 - Cria Núcleos de Apoio à Saúde da Família. Diário Oficial da União, 43, 38-42.

Manual existente no Sistema Acadêmico, que poderá ser acessado em:

<https://academico.univicoso.com.br/formulario/TCC/guia_pratico_elaboracao_tcc.pdf>